

**A ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA
SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-COMPARATIVA**

José Mario Botelho (FFP-UERJ)
botelho_mario@hotmail.com

RESUMO

Quando se deseja comprovar que a origem mediata do português se encontra no latim vulgar, para que se possa considerá-lo uma língua neolatina, uma comparação do português com outras línguas neolatinas e com o próprio latim se faz conveniente. Cotejando-se, por exemplo, o português, o latim e o galego, pode-se constatar que tanto a língua portuguesa como a galega têm as suas origens imediatas no romance galaico-português, uma vez que o português arcaico e o galego antigo são o próprio galego-português. Daí, a conveniência de se utilizar do método histórico-comparativo na comparação de *corpus* do latim e do português e de outras línguas neolatinas para se chegar à conclusão de que a língua latina é a língua-origem de tais línguas.

Palavras-chave:

Método histórico-comparativo. Romance galaico-português.
Origem mediata do português.

RESUMEN

Cuando se desea probar que el origen mediato del portugués se encuentra en el latín vulgar, de modo que pueda ser considerado una lengua neolatina, es conveniente una comparación del portugués con otras lenguas neolatinas y con el propio latín. Comparando, por ejemplo, portugués, latín y gallego, se puede ver que tanto el portugués como el gallego tienen su origen inmediato en el romance gallego-portugués, ya que el portugués arcaico y el gallego antiguo son el propio gallego-portugués. De ahí la conveniencia de utilizar el método histórico-comparativo en la comparación del corpus del latín y el portugués y otras lenguas neolatinas para llegar a la conclusión de que la lengua latina es la lengua de origen de dichas lenguas.

Palabras clave:

Método histórico-comparativo. Romance gallego-portugués.
Origen mediato del portugués.

1. Introdução

O latim vulgar, de cuja dialeção surgem as línguas românicas, é a origem mediata da língua portuguesa. Essas línguas românicas evoluíram para as línguas neolatinas, em cuja classificação está inserido português, que tem como origem imediata o galego-português. Daí, a conveniência da seguinte asserção de Mattos e Silva (2001):

Poderíamos dizer, parafraseando, que nada, ou quase nada, nas línguas se perde, tudo se transforma e é observando o passado que se podem recupe-

rar surpresas que o presente, com frequência, nos faz. Para algumas perplexidades que a variação sincrônica levanta, um rápido olhar para a história passada esclarece. (MATTOS E SILVA, 2001, p. 13)

Logo, além de muitos elementos linguísticos do período de formação das línguas românicas, certos fatos históricos são fundamentais para a história externa da língua portuguesa.

Sob a perspectiva histórico-comparativa, que se caracteriza pelo cotejo de elementos conhecidos para se poder entender elementos desconhecidos, a origem da língua portuguesa será o alvo de nossa reflexão nesse artigo.

Cotejando-se, por exemplo, o português e o galego, pode-se constatar que ambas as línguas têm sua origem imediata no românico galaico-português, uma vez que o português arcaico e o galego antigo são o próprio galego-português.

Sabe-se que os estudos comparativos do final do século XIX, fundamentados por uma nova abordagem, tendo como base o método comparativo, com os neogramáticos alemães, definiram os estudos de Linguística Histórica a partir daquela época.

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, variadas tendências insurgiram contra o método histórico-comparativo e sua abordagem em relação à formação das línguas europeias. Algumas dessas orientações, como o chamado “idealismo linguístico” ou da escola linguística saussuriana, fizeram-se a partir de uma reflexão filosófica ou teórica sobre linguagem. Também surgiram orientações desse tipo nos estudos das línguas românicas, como as investigações sobre os dialetos galo-românicos, feitas por Jules Gillieron, que criou primeiramente seu *Petit Atlas phonétique du Valais roman* com 30 mapas (1880) e, mais tarde, seu *projet de Atlas linguistique de la France* (ALF), que inspirou a criação de um atlas linguísticos para regiões do território românico.

De fato, em 1816, bem antes dos estudos histórico-comparativos do século XIX, o autor alemão Franz Bopp já demonstrara, a partir de comparação, o parentesco existente entre o alemão, o grego, o latim, o sânscrito e o persa. Comparando a morfologia verbal dessas 5 línguas, Franz Bopp estabeleceu certas correspondências sistemáticas entre elas. E ele fizera tal estudo metódico, utilizando os preceitos do método histórico-comparativo, que passou a ser o procedimento fundamental dos estudos de Linguística Histórica, que objetivavam a origem das línguas do Europa.

Os neogramáticos do meado do século XIX, pois, lançaram mão desse método comparativo, embora não mais procurassem a origem das línguas estudadas; eles se preocupavam em estabelecer correspondências sistemáticas entre aquelas línguas da Europa e da Ásia. Antes dos chamados neogramáticos, os estudiosos supunham a existência de uma protolíngua para aquelas línguas – o indo-europeu –, que tem sido aceita como a língua-mãe (ou língua-origem) de inúmeras línguas europeias e asiáticas, que têm parentesco empiricamente comprovado.

Logo, o método comparativo foi muito utilizado pela Linguística Comparativa do século XIX, principalmente pelos neogramáticos, que, numa hipótese genética, formulavam questões referentes à natureza e destacavam as relações entre as línguas, que eram classificadas em famílias e consideradas como organismos vivos, por ser um fenômeno evolutivo. Isto é, nasce, desenvolve-se e se transforma, estabelecendo um verdadeiro ciclo.

2. O método comparativo e a perspectiva histórico-comparativo

Primeiramente, convém lembrar que os estudos de Filologia se caracterizam principalmente por estabelecer comparações entre os textos das diferentes épocas ao longo do tempo; e que os resultados dessas comparações são diversos, porquanto se relacionam com os diferentes objetivos dos respectivos estudiosos.

Quanto aos métodos de Filologia Românica, segundo Bassetto (2001, p. 63-86), uns são mais adequados e mais produtivos que outros; também há métodos emprestados de ciências afins, que contribuem para o conhecimento da Romanística (ou estudos romanísticos – estudos de textos neolatinos). Certo é que, não raro, se recorre a uma combinação de métodos para uma visão mais completa de determinado fato a ser estudado; o confronto entre o resultado obtido pela aplicação de um determinado método e a de uma combinação de métodos pode oferecer uma conclusão mais ampla do problema analisado. Os métodos citados por Bassetto (2001) são os seguintes: Método histórico-comparativo, Método idealista, Método da Geografia Linguística, Método de *Wörter und Sachen* (palavras e coisas), Método onomasiológico, Método neolinguístico ou espacial e Método das teorias das ondas.

Desses métodos, por conveniência do presente artigo, vamos enfatizar apenas o método histórico-comparativo, que consiste em comparar –

cotejar – objetos de estudo ao longo do tempo. Ele foi muito utilizado pela Linguística Comparativa do século XIX, principalmente pelos neogramáticos, que, numa hipótese genética, formulavam questões referentes à natureza e destacavam as relações entre as línguas, que eram classificadas em famílias e consideradas como organismos em evolução. Parafrazeando o sociólogo judeu-francês Émile Durkheim (1893) pode-se dizer que o método histórico-comparativo é “uma maneira de demonstrar a existência de uma relação lógica, uma relação de causalidade, entre dois fatos”.

Daí, termos que nos atentar para a seguinte asserção de Faraco (2005):

Os neogramáticos, no fim do século XIX, criticaram essa perspectiva centrada na reconstrução do passado (cf. Capítulo 5). Para eles, o trabalho em linguística histórica deveria se concentrar muito mais na elucidação dos mecanismos da mudança do que na reconstrução de estágios remotos do passado. (FARACO, 2005, p. 119)

Assim, o método histórico-comparativo passou a ser um refinamento metodológico dos estudos histórico-linguísticos, que se desenvolviam a partir da metade do século XIX, com a nova geração de linguistas da Universidade de Leipzig (Alemanha), que conhecemos como neogramáticos (em vez de *Junggrammatiker*, que era termo jocoso para os iluminados jovens linguistas alemães da época).

Portanto, os neogramáticos passaram a ser respeitados no universo acadêmico da época, com o seu programa revolucionário em relação às orientações comparatistas de seus antecessores. Para eles, não era fundamentalmente importante encontrar uma protolíngua; a atenção dos pesquisadores deveria voltar-se para as línguas vivas, em que se podem observar os processos de evolução linguística em plena atividade. Porém, essa nova abordagem negou, mas não anulou o trabalho comparativo de seus antecessores; apenas sugeriu um novo escopo para os estudos históricos que prioriza o caráter da mudança linguística propriamente. Desde então, muitas possibilidades de respostas se apresentam para o questionamento acerca do fenômeno da mudança e tudo aquilo com ela está relacionada como o contexto social de ocorrência, seus partícipes, o momento etc. Assim, a Filologia Românica, com o desenvolvimento dos estudos histórico-comparativos, passa a ter um papel fundamental nos estudos da linguagem.

Em sintonia com essa nova perspectiva, a Linguística Românica ou Filologia Românica também toma novo rumo; aquele método comparativo com propósitos genéticos, também passa a ser utilizados para a re-

constituição de elementos de uma dada língua neolatina. Assim, a semelhança constatada entre expressões linguísticas de duas ou mais línguas neolatinas provaria que elas teriam a mesma origem em uma mesma expressão do latim, i.é, a forma atual em uma dada língua neolatina indicaria a forma da expressão originária em latim. Pôde-se com isso, inclusive, criar uma sistematização de alterações morfo-fonético-ortográficas – metaplasmos, que sofreram as palavras durante a sua evolução, causadas pelos princípios, relativamente, inconscientes, graduais e regulares, cujo conjunto constitui o Vocalismo e o Consonantismo nas diferentes línguas neolatinas.

Ilari (1999, p. 21) nos mostra que “quando se comparam, por exemplo, port. e esp. *saber*, fr. *savoir*, it. *sapere* fica legitimada a conjectura de que tenham uma origem latina comum”. Podemos perceber que a primeira sílaba dessas palavras começa com a consoante “s”, que representa um fonema sibilante /S/, e na segunda sílaba, que é tônica nas três formas, uma consoante bilabial ou labiodental (a saber: “p”, “b” e “v”). Como sabemos que na passagem do latim para o português e para o espanhol, num estudo de metaplasmos, é regular a sonorização do /p/, surdo e intervocálico, que passa a ser /b/, e que se dá a apócope do /e/ final da desinência de infinitivo latina “re”, temos “saber” do verbo latino “*sapere*”. E que, também em francês, a mesmo apócope do /e/ se dá, e a surda intervocálica /p/(o qual pode sofrer degeneração e passar a /v/, sonora), e o /e/ longo das sílabas tônicas não travadas passa a /ei/, depois /oi/, /oe/, /eu/ e /wa/ (sendo que a grafia acompanhou esta evolução apenas até a forma /oi/), constata-se que a forma originária comum de *saber*, *savoir* e *sapere* é a forma latina *sapere*, já que aqueles metaplasmos não ocorreram em italiano.

Desta forma, com o método histórico-comparativo, foi possível aos romanistas encontrarem, nos textos latinos que nos legaram os romanos e romanizados, muitas formas originárias para diversas formas vocabulares de línguas neolatinas como o português. Em outras palavras, formas vocabulares originárias de inúmeros vocábulos portugueses, por exemplo, podem ser confirmadas mediante provas documentais, que são os inúmeros textos escritos em latim pelos escritores latinos da época em que o latim era a língua vasto Império Romano.

Essa nova Linguística Histórica representa um marco nos estudos históricos da linguagem, pois os novos linguistas (ou filólogos ou gramáticos), incentivados pelas críticas aos antecessores e pelo maior rigor em certos procedimentos metodológicos, distinguem-se daqueles, dando uma

nova direção a Linguística Histórica, a qual caracteriza o perfil da Linguística Histórica do nosso século.

Seguindo por esse caminho, a denominação Filologia Românica (ou Linguística Românica ou Romanística), por ser o estudo histórico-comparativo de línguas que se originam do latim, tem o seu principal representante o linguista e filólogo alemão Friedrich Christian Diez (1794–1876). Diez é considerado o iniciador desse ramo de investigações, porquanto publicou, entre 1842 e 1854, uma gramática histórico-comparativa e um dicionário etimológico das línguas românicas. Ele se dedicou, ainda, pelo estudo de narrativas em espanhol arcaico. Esse trabalho era de orientação semelhante ao da Filologia Clássica e, por isso, possibilitou a criação da Filologia Românica, com o estudo textual e da consolidação das línguas românicas (ou neolatinas) e de investigação genética dessas línguas.

Pode-se dizer que aquelas ideias dos “neogramáticos alemães”, embora estejam ultrapassadas com a utilização de novos instrumentos exigidos pelas novas abordagens nos estudos da linguagem, ainda têm alguma relevância nos estudos de Linguística Histórica. São a base para os estudos que são feitos atualmente, pois foram ultrapassadas pelas novas concepções para o trabalho filológicos, mas não foram descartadas. Constitui um legado histórico e documental e, não raro, levadas em consideração quando se é conveniente, como ocorre com todos os legados científicos. Às vezes, temos a necessidade de repetir alguns procedimentos (os que apresentaram resultados perfeitos).

3. *A queda do Império Romano e a dialeção do latim na península Ibérica*

No séc. V d.C., o Império Romano, romanizado, mas já em decadência, é totalmente destruído pelas invasões bárbaras.

Os povos góticos, como eram chamados os bárbaros germânicos pelos romanos, fizeram várias incursões, primeiramente ao Nordeste, e depois ao Norte da península Ibérica. Tal fato acelerou a dialeção do latim, que já vinha sendo influenciado pelos substratos linguísticos da península desde o primeiro contato dos romanos com os peninsulares no século III a.C.

3.1. A latinização da península Ibérica

Os povos bárbaros, essencialmente guerreiros e de cultura diferente da dos romanizados, embora fossem vencedores, adotaram os elementos de civilização: a religião cristã, a organização político-administrativa, entre outros.

Adotaram a língua latina, falada na península, apesar de abalar efetivamente a unidade político-cultural da região do antigo Império Romano, pois as escolas foram fechadas e novos elementos culturais foram introduzidos. A romanização chega ao fim, mas a latinização se fazia presente.

Depois da queda do Império, reinos gótico-cristãos foram estabelecidos. O latim vulgar, já bastante modificado pela ação dos substratos peninsulares e influenciado pelo superstrato (língua do vencedor, preterida pela língua do povo vencido) – a língua dos germânicos –, dialetou-se, i.é, passou a se desenvolver independente e diferentemente em cada região, que praticamente se isolaram.

3.2. A dialeção e as línguas românicas

Essas forças contrárias à manutenção da língua latina tradicional, reforçadas com o fenômeno natural da influência dos substratos (língua do povo vencido, preterida pela língua do vencedor), que se intensificavam com aquele *status quo*, abalavam sobremaneira a latinização, que subsistia a duras penas.

Na prática, a língua de comunicação nas comunidades linguísticas que se formavam não se caracterizava mais como latim. Era uma língua cristã de natureza latina por força da situação instaurada. Pode-se dizer que todos os habitantes do Reino dos visigodos procuravam comunicar-se em latim, um latim totalmente modificado. A língua de comunicação entre os peninsulares gótico-cristãos se efetivava essencialmente de forma oral, que se modificava naturalmente. Com a dialeção do latim, que era inevitável, principalmente por causa do isolamento das comunidades gótico-cristãs que se formavam, instaura-se uma situação de multilinguismo.

No séc. VIII, a península, já sob o domínio visigótico, sofre a invasão dos árabes pelo Sul. Vindo do norte da África, os mouros maometanos – muçulmanos – invadiram e dominaram uma grande parte da

península e, embora oficializassem a língua árabe, não coibiram a língua latina. Esse estrato linguístico é para a língua latina falada pelo povo conquistado, na qual exerce uma relativa influência, um adstrato (língua do povo vencedor que não suplanta a do vencido).

Em algumas regiões (na Lusitânia, que hoje é Portugal) surge o moçárabe – mistura da dialeção do latim vulgar com o árabe e, portanto, um romance (ou romãnce) cristão. Nessa época, já se verificavam vários romances latinos em toda a antiga região do Império Romano. Na península Ibérica surgem os romances: asturiano, cântabro, aragonês, castelhano, leonês, catalão, lusitano (ou porticalense), galiziano (ou galego) e outros menos expressivos.

A reconstrução desse estrato oral, embora difícil por falta de um material para análise, pôde ser feita a partir do método histórico-comparativo e, por conseguinte, se caracteriza por ser o resultado de elucubrações. O método foi aplicado em grupos de línguas genealogicamente afins, como é o caso das línguas neolatinas (português, galego, espanhol, catalão, francês entre outras), e, por meio dele, foi possível reunir e catalogar em *corpora* uma série de elementos de cada língua neolatina e do latim. Além de se verificar que as ocorrências dos metaplasmos são sistemáticas, o que possibilitou aos analistas definir os tipos de metaplasmos e nomeá-los, outras elucubrações puderam ser feitas acerca dos vocábulos reunidos nos referidos *corpora*.

O cotejo dos dados colhidos para o *corpus*, referente à língua portuguesa, por exemplo, revelou uma forma latina originária de cada uma das diversas formas vocabulares portuguesas que foram analisadas; puderam-se determinar os diversos metaplasmos ocorridos na formação do vocabulário da língua.

O cotejo de significados das palavras (origem–originada), a formação de novos campos semânticos, a motivação de eventuais formações, e outras tantas questões de natureza léxico-semântica foram possíveis. Portanto, o método histórico-comparativo foi muito útil na reconstrução do léxico de línguas neolatinas, justificando inúmeras de suas formas vocabulares. Também foi fundamental na reconstrução do léxico do latim coloquial tardio e o medieval (do pós-Império), o qual se revelou ser a principal fonte léxica das línguas românicas.

3.3. Persistência da latinidade e a formação das línguas românicas

Em algumas regiões (no Norte da Lusitânia, que hoje é Portugal) surge o galego-português; no Sul, surge o moçárabe – mistura da dialetação do latim vulgar com o árabe e, portanto, um romance cristão. Alguns desses romances evoluíram e se transformaram em uma das línguas românicas e depois, neolatinas; outros foram absorvidos por uma das línguas neolatinas.

Nos meados desse século VIII, já se formavam as línguas românicas. Na península Ibérica: aragonês, castelhano, leonês e catalão e, mais tarde, o português e o galego. Além do português, surgiram das línguas românicas as seguintes línguas neolatinas: galego, castelhano (ou espanhol), catalão, franco-provençal, provençal, francês, sardo, italiano, rético (ou reto-romano ou romanche), istro-romeno, romeno e dalmático (extinto em 1898).

Apesar da queda do Império e da tentativa dos povos góticos em frear a latinização, que foi em vão, verificam-se os resultados da continuação desse fenômeno nas línguas românicas, alguns dos quais persistem ainda nas línguas neolatinas atuais.

O Séc. V marca o surgimento do romance. Esse período se estende até o Séc. IX, em que se multiplicam os falares na România, região onde se efetivavam as línguas românicas, que muito se assemelhavam aos romances. Nesse século, a evolução dos romances estava praticamente estabelecida em toda a România.

Quanto à similitude dessas línguas românicas (ou neolatinas ou novilatinas) entre si e com o antigo latim, pode-se dizer que há muito mais semelhanças do que diferenças, principalmente quando o cotejo se efetiva entre duas ou mais línguas próximas foneticamente. Por exemplo, a comparação entre o português e o galego ou entre o galego e o castelhano ou entre o catalão e o provençal certamente se revelariam muito mais elementos semelhantes do que a comparação entre os distantes português e catalão ou entre os distantes espanhol e o francês. Porém, revelar-se-ão semelhantes o português e o catalão, se uma língua intermediária for considerada: o espanhol pode intermediá-los; o catalão pode servir de intermediário entre o espanhol e o francês; o sardo pode servir de intermediário entre o romeno e o italiano.

O distanciamento ou proximidade das línguas de origem latina tem a ver com o grau de sua evolução fonética em relação ao latim. Se-

gundo os estudos do linguista e latinista ítalo-americano Mario Andrew Pei (1967), quanto maior a percentagem de distanciamento fonético de uma dada língua neolatina é do latim, mais distante ela será de outra que lhe é afim. Daí, seria também o que justificaria o grau de diferença (ou de semelhança) entre elas.

Quanto aos graus de distanciamento da fonética latina, caracterizado pelos graus de modificação fonológica das vogais tônicas das línguas românicas em relação ao latim, Pei (1969) apresenta os seguintes dados:

Quadro 1: Graus de distanciamento da fonética das línguas neolainas.

Língua neolatina	Sardo	italiano	espanhol	romeno	atalão	provençal	português	francês
Porcentagem	8%	12%	20%	23%	24%	25%	31%	44%

Fonte: Própria, adaptada de Pei (1969, p. 138)².

Convém assinalar que a classificação interna das línguas românicas tem gerado muitas discussões sem que se chegue a uma definição, pois se trata de um tema deveras complexo e, por vezes, controverso. As inúmeras classificações, que têm sido propostas desde os comparativistas do século XIX, baseiam-se em diferentes critérios. Supunham eles que as línguas modernas tenham-se evoluído de uma protolíngua a partir de uma sequência de divisões binárias, ocorridas ao longo do tempo. Supunham, também, que o grau de mudança linguística estaria relacionado ao tempo decorrido, e que seria possível deduzir as características das sequências de divisões binárias a partir da comparação entre línguas afins, considerando as suas diferenças.

Embora frequentemente as formas hipotéticas sejam encontradas em registros dialetológicos ou em documentos escritos, que nos foram legados, não se trata de uma certeza absoluta. O que se pode afirmar com total propriedade é que há semelhanças inquestionáveis entre as línguas neolatinas, de cujo quadro a língua portuguesa faz parte. Também não se pode negar que, numa comparação entre elas e o latim vulgar, de que temos conhecimento, muitas correspondências, principalmente gráfico-fo-

² The final result turned from points into percentages of change, permits us to state that on the basis of our tentative point-system the percentage of stressedvowel change from the original Latin for each of the seven languages is as follows: French, 44%; Portuguese, 31%; Provençal, 25%; Rumanian, 23%; Spanish, 20%; Italian, 12%; Sardinian, 8%.

néticas e lexicais, podem ser constatadas, como se podem observar na seguinte amostra:

Cotejo: “Pai Nosso”

“Pater noster qui es in caelis / Sanctificetur nomen tuum.” – latim eclesiástico

“Padre nostro, che sei nei cieli: / Sia santificato il tuo nome.” – italiano

“Babbu nostru, qui ses in sos chelos: / Santificadu siat su nomen tou.” – sardo

“Pare nostre, que esteu en el cel: / Igui santificat el vostre nom.” – catalão

“Padre nuestro, que estás en los cielos: / Santificado sea tu nombre.” – castelhano

“Pai nosso, que estás nos céus: / Santificado seja o teu nome.” – português

“Pai Nosso, que estás nos ceos: / Santificado sexa o teu nome.” – galego

”Paire nòstre, que siès dins lo cèl: / Que ton nom se santifique.” – provençal

“Notre Père, qui es aux cieux: / Que ton nom soit sanctifié.” – francês

“Bab nos, ti che eis en tshiel: / Sogns vegni fatgs tiu num.” – rético

“Tuota nuester, che te sante intel sil / Sait santificuot el naun To.” – dal-mático

“Tatăl nostru, care ești în ceruri: / Sfințească-Se numele Tău.” – romeno

“Ciace nostru, car le ști en cer, / Neca se sveta nomelu teu.” – istro-romeno

Cotejo: “O casamento de Pirítoo”

Português: “Pirítoo era o rei dos Lápitas. Desde jovem, Pirítoo e Teseu tornaram-se amigos. Para celebrar o seu casamento com Hipodâmia, Pirítoo convidou para as festas os seus amigos (enter eles, Teseu) e também os centauros, seus irmãos, que habitavam o país vizinho...”

Galego: “Pirithous era o rei do lapita. Desde mozo Pirithous e Theseus

tornáronse amigos. Para celebrar o seu casamento con Hipodâmia, Pirithous convidou os seus amigos para as festas (Teseo entre eles), e tamén os centauros, os seus irmáns, que vivían no país veciño...”

Espanhol (Castelhano): “Pirítoo era rey de los lapitas. Desde jóvenes Pirítoo y Teseo se hicieron amigos. Para celebrar sus bodas con Hipodamia, Pirítoo invitó a las fiestas a sus amigos (Teseo entre ellos) y también los centauros, hermanastros suyos, que habitaban el país vecino...”

Catalão: “Pirítou era rei dels làpites. Des de joves Pirítou i Teseu es feren amics. Per a celebrar les seves bodas amb Hipodamia, Piritou convidà a les festes els seus amics (Teseu entre ells), i també els centaures, germanastres seus, que habitaven el país veí...”

Cotejo: “Fiesta flamenca”

Português (Festa flamenca)

Seis jovens profissionais do flamenco oferecem ao público um programa festivo e animado. Com base em *bulerías*, *rumbas*, *sevillanas*, *alegrias*... os *tipos* mais rítmicos e coloridos do flamenco, aqueles que permitem destacar a parte mais alegre da alma andaluza.

Trata-se de uma apresentação cheia de vida e sagacidade, em que, no final do espetáculo, o público compartilha com os artistas um copo de vinho fino no pátio da nossa Casa Palácio.

Catalão (Festa flamenca)

Sis joves professionals del flamenc ofereixen al públic un programa fester i animat. Sobre la base de *bulerías*, *rumbes*, *sevillanes*, *alegries*... els *tipus* més rítmics i colorits del flamenc, aquells que permeten destacar la part més alegre de l'ànima andalusa.

Es tracta d'una actuació plena de vida i saler, en la qual, al final, els assistents comparteixen amb els artistes una copa de vi fi al pati de la nostra Casa Palau.

Francês (La fête flamenca)

Six jeunes professionnels du flamenco offrent au public un programme festif et animé. Sur les bases de les *bulerías*, *rumbas*, *sevillanas*, *alegrías*... les types de flamenco les plus rythmiques et voyantes, qui permettent de se démarquer la partie la plus joyeuse de l'âme andalouse.

C'est une représentation pleine de vie et de bonne humeur où, à la fin du spectacle, le public partage avec des artistes un verre de vino fino dans le patio de notre Maison Palais.

4. Considerações finais

Como se pode verificar, a língua portuguesa originou-se, de fato, do romance galaico-português, mais propriamente, que constitui o conjunto de evoluções do latim vulgar, cuja reconstituição é polêmica, por ter sido uma língua essencialmente falada. Não obstante, a partir do conteúdo deste trabalho, é possível verificar as semelhanças existentes entre as duas línguas, apesar das diferenças.

Como já foi dito, no início do século XIX, mais precisamente em 1816, estudos comparativos foram feitos por Franz Bopp, que demonstrou terem parentesco o alemão, o grego, o latim, o sânscrito e o persa. Estabelecendo certas correspondências sistemáticas entre essas línguas, sob a perspectiva do método histórico-comparativo, o estudioso alemão objetivava a origem das línguas do Europa. E supondo existir uma protolíngua para aquelas línguas, pôde-se vislumbrar a existência do que comumente chamamos de indo-europeu, que tem sido aceita passivamente como a língua-mãe de inúmeras línguas europeias e asiáticas, cujo parentesco é comprovado, a partir da comparação entre elas.

Vimos, também, que os neogramáticos (estudiosos do final do século XIX), utilizaram-se do método histórico-comparativo para a constatação da natureza das variantes de línguas em atividade, ainda que sob a abordagem genética.

A utilização do método histórico-comparativo pelos comparativistas do século XIX e do início do século XX possibilitou a constatação de correspondências sistemáticas entre diversas línguas da Europa e da Ásia e deu uma nova direção a Linguística Histórica, a qual caracteriza o perfil da Linguística Histórica do nosso século.

Nos estudos romanísticos, a utilização do referido método tam-

bém favoreceu aos analistas a constatar o parentesco existente entre as línguas neolatinas e, aplicado no cotejo entre o português e o galego, possibilita-nos reconhecer o romance galego-português como a origem imediata dessas duas línguas afins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica*. História Externa das Línguas Românicas. S. Paulo: Edusp, 2001. (Vol. I)

_____. *Elementos de filologia românica*. História Interna das Línguas Românicas. São Paulo: Edusp, 2010. (Vol. II)

BOTELHO, José Mario. *História externa da língua portuguesa e formação de seu léxico*. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. (No prelo)

_____; OSÓRIO, Paulo. A latinização da península ibérica: a queda do império romano e as suas consequências na geolinguística da península. *Revista Philologus*, Ano 27, n. 80, Rio de Janeiro: CiFEFiL, mai./ago.2021. p. 11-26. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/588>.

_____. Um pouco de história externa da língua portuguesa. *Cadernos do CNLF*, v. XVII, n. 09. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013. p. 144-56. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/09/12.pdf.

_____. Breve estudo da origem da língua portuguesa. *Revista Avepalavras*, Edição 16, 2º Semestre de 2013. Mato Grosso: UNEMAT-BR, 2013. Disponível em: <http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/16/artigos/botelho.pdf>.

_____. Causas e consequências da dialeção da língua latina. Um pouco de história externa da língua portuguesa. *Cadernos do CNLF. Anais do XIV CNLF*, Vol. XIV, Tomo 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 2471-81. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2471-2481.pdf.

_____. *Fundamentos históricos da língua portuguesa*. Curitiba: IESDE, 2008. (Videaulas). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KDT_7ZN6FVw; <https://www.youtube.com/watch?v=8o4kBrAvibA&t=375s>; https://www.youtube.com/watch?v=_lL5gZtqYgg; https://www.youtube.com/watch?v=KDT_7ZN6FVw&t=69s e <https://www.youtube.com/watch?v=8o4kBrAvibA&t=397s>.

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 7. ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas*. Edição revista e ampliada, São Paulo: Parábola, 2005.

HAUY, Amini Boainain. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1989.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico: Morfologia e Sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *O português arcaico: Fonologia*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001a.

MATTOS, Geraldo; BOTELHO, José Mario. *Fundamentos históricos da língua portuguesa*. Curitiba: IESDE, 2008. (Videoaulas)

NASCENTES, Antenor. *Elementos de filologia românica*. Organizado por José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2009.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 7. ed., Lisboa: Livraria Clássica, [1969?].

PEI, Mario Andrew. *The story of the language*. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1967.

_____. A New Methodology for Romance Classification. *Word*, v. 5, n. 2, p. 135-46, 1949. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00437956.1949.11659494?needAccess=true>.

SILVA, José Pereira da. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2010.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de Português*. 10. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VASCONCELOS, Leite. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: [S.n.], 1926.